



Segunda vaga é muito menos mortal do que a primeira

Taxa de letalidade da primeira vaga foi, em média, 13 vezes superior à que agora se verifica.

PRIMEIRA LINHA 4 a 8

Área: 1273cm² / 44%

Tiragem: 16.981

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6977568

PRIMEIRA LINHA COVID-19

Segunda vaga é muito menos mortal do que a primeira

O crescimento dos contágios na segunda vaga é muito maior do que na primeira, mas a letalidade e a mortalidade são também muito menores. Cálculos do Negócios mostram que a taxa de letalidade da primeira vaga foi, em média, 13 vezes superior ao que agora se verifica. Esta é a notícia boa. A má é que Portugal deixou de ser, nesta nova onda de contágios de covid-19, um dos países europeus onde esta doença é menos letal. A grande preocupação agora é garantir que os serviços de saúde não entrem em colapso, o que levaria a um grande aumento da mortalidade. **MANUEL ESTEVES** mesteves@negocios.pt

É impossível não ficar impressionado quando se olha para a curva de novos contágios em Portugal e em quase todos os países europeus. No entanto, esta curva conta-nos menos do que pode parecer à primeira vista. É que, e ao contrário do que sucedeu na primeira vaga, este crescimento não é, para já, acompanhado por um aumento equivalente no número de mortes nem por níveis elevados de letalidade. Pelo contrário: num conjunto de 14 países europeus analisados pelo Negócios, a taxa de letalidade desta segunda vaga é quase sempre inferior a 1%.

Mas vamos por partes. Recorrendo aos dados coligidos pelo site Our World In Data, o Negócios dividiu a pandemia em dois períodos: um primeiro, que vai até 30 de abril, a que chamou de primeira vaga; e um segundo, que, para a maioria dos países observados, arranca a 1 de setembro: é a famosa segunda vaga. A escolha das datas é discutível e outros intervalos dariam valores diferentes, mas não mudariam a conclusão: esta segunda vaga é muito menos mortal.

Comparando estes dois períodos, conclui-se que a taxa de letalidade – número de mortes face ao

número de casos identificados – caiu a pique em todos os países. Fazendo uma média simples dos 14 países analisados, vê-se que a taxa de letalidade passou de 9,7% para 0,7%. Ou seja, em cada 100 pessoas com teste positivo, morrem 0,7%, sendo que a esmagadora maioria, já se sabe, são idosos. A título de exemplo, em Espanha, passou de 11,4%, a 30 de abril, para 0,8%; e em França foi de 18,8% para 0,5%.

Em Portugal, a descida também é muito expressiva. A 30 de abril, o número de mortes representava 4% do universo de casos positivos de covid-19, enquanto a 26 de outubro esta percentagem descia para 0,8%.

A má notícia é que Portugal deixou de comparar positivamente com os outros países na taxa de letalidade. Se antes surgia ao lado de países como a Alemanha e a Áustria com uma baixa taxa de 4%, agora a percentagem de 0,4% do país só é ultrapassada, neste grupo analisado, por três países: Hungria, Grécia e República Checa. É igual à de Espanha e é o dobro da belga, da sueca ou da Alemanha, por exemplo.

Mortalidade também caiu

Mas não foi apenas a letalidade que caiu a fundo. Também o número de mortes provocadas pela doença face ao conjunto da população di-

minuiu muito em todos os países. O número médio de mortes por milhão de habitantes nestes 14 países passou 248 para 61, ou seja, quatro vezes menos. Em Portugal, por exemplo, caiu de 97 para 51.

Uma vez mais, a má notícia está na evolução relativa de Portugal face aos outros países. Enquanto na maior parte dos países da Europa Ocidental, analisados pelo Negócios, a queda é superior a 80%, em Portugal não chega a 50%. A 30 de abril, Portugal tinha um número de mortos por milhão de habitante muito inferior ao de países como Bélgica, Espanha, Itália ou Reino Unido, e agora a diferença é pequena ou está mesmo acima.

São estas taxas de letalidade mais baixas e o menor número de mortes por milhão de habitantes que explicam que as curvas de novos casos e de novas mortes (ver gráficos) sejam tão diferentes entre si.

Miguel Castanho, professor de Bioquímica da Faculdade de Medicina de Lisboa, diz que pode haver duas explicações para esta menor mortalidade: “Um eventual desvio de doentes mais velhos para mais novos pode justificar esta descida”, afirma. Mas estes números “também podem ser explicados por mudanças ao nível do vírus”, admite. “Embora a doença tenha os mesmos sintomas, podem estar em curso mudanças que permitem

ao vírus interagir melhor com pessoas mais novas”.

Essa costuma ser, de resto, a evolução natural de um vírus. “As estirpes que interagem melhor com os jovens multiplicam-se mais depressa porque estes são menos afetados, podendo por isso contagiar mais gente”, explica. “É por isso, conclui, “que os vírus tendem a tornar-se mais contagiosos mas menos letais.” Se é isso que está a acontecer com este coronavírus ainda é cedo para dizer, embora haja já estudos que apontam nesse sentido.

Melhor assistência médica

Mas há outras explicações mais evidentes e que não deixam margem para especulações. A assistência médica aos doentes covid-19 melhorou com o tempo. “Houve grandes desenvolvimentos ao nível da terapêutica”, diz Castanho.

Não tanto ao nível dos fármacos antivirais, em que as melhorias ainda são reduzidas, mas sobretudo com outros medicamentos usados para responder às complicações subjacentes à infeção pelo SARS-CoV-2. “O que melhorou foi a utilização de outros fármacos que não se destinam a combater o vírus mas sim os descontrolos inflamatórios que resultam da infeção”, explica o também investigador do Instituto de Medicina Molecular. Por outro lado, acrescenta, “estão agora muito mais afinados os protocolos de gestão dos doentes”.

Significa isto que podemos estar descansados com esta segunda vaga? Não. Todos os especialistas

concordam que o fundamental agora é garantir que o número de doentes nos cuidados intensivos não ultrapassa o nível acima do qual os serviços de saúde deixam de conseguir dar resposta a esta doença, mas também às restantes patologias que têm de ser tratadas em ambiente hospitalar.

“O número de novos casos, a que se dá tanta atenção mediática, é um indicador muito pouco informativo”. “É natural que haja muitos mais casos do que na primeira vaga porque antes fechámo-nos em casa e agora não”, afirma. “Por outro lado, este, como a maioria dos vírus respiratórios, deverá ter um comportamento sazonal, sendo mais contagioso quando a temperatura do ar baixa e a humidade aumenta.”

“O indicador-chave é o número de doentes internados, sobretudo nos cuidados intensivos”, cuja média móvel de sete dias ronda os 230, já não muito longe do máximo de 256 de abril. “Por um lado, dá-nos o número de vítimas da doença e, por outro, mostra-nos se estamos, ou não, próximos do colapso dos serviços de saúde”.

A grande questão do momento é saber que medidas tomar para evitar que esta segunda vaga ultrapasse a capacidade de resposta dos serviços de saúde. “Se quisermos fazer uma travagem às quatro rodas sem nos preocuparmos com a derrapagem, então devemos confinar de novo. Se quisermos uma travagem controlada, sem efeitos nocivos na saúde das pessoas, as medidas têm de ser direcionadas

às regiões mais afetadas e aos setores de atividade que apresentam maior risco de contágio”, defende.

O problema, diz, ressaltando que já é matéria de opinião, “é que não foi feito o trabalho de casa por parte das autoridades de saúde para se perceber onde estão os pontos negros de contágio da pandemia”. É nos restaurantes? É nos transportes públicos? É nas periferias das áreas metropolitanas onde as condições de vida são piores? Já podíamos ter respostas a estas perguntas, garante, se as autoridades tivessem trabalhado nesse sentido.” ■



MIGUEL CASTANHO

Professor de Bioquímica da Faculdade de Medicina de Lisboa



O que melhorou foi a utilização de outros fármacos que se destinam a combater os descontrolos inflamatórios que resultam da infeção.

COMO ESTÁ A EVOLUIR A LETALIDADE E A MORTALIDADE DA COVID-19

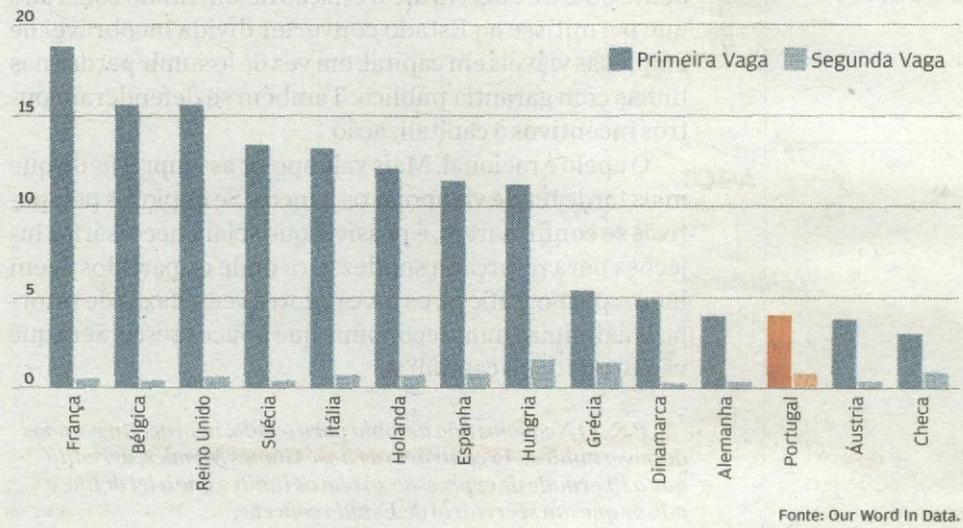
A taxa de letalidade, número de mortes por casos positivos, da segunda vaga é muito inferior à da primeira. A mortalidade, medida pelo número de mortes por milhão de habitantes, também é muito inferior na maioria dos 14 países analisados. Isso explica o contraste tão grande entre as curvas evolutivas dos novos casos e das mortes em proporção da população.



TAXA DE LETALIDADE CAIU A PIQUE NA EUROPA

Taxa de letalidade em dois períodos: até 30 de abril e posterior a 1 de setembro, para a maioria dos países (valores em %)

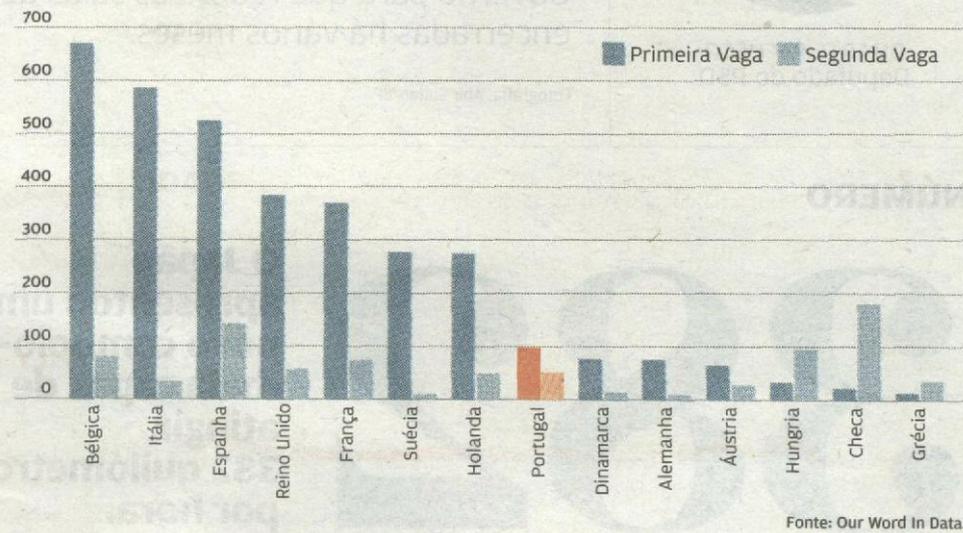
O gráfico é bastante claro: o número de mortes por cada 100 casos positivos de covid-19 caiu para valores quase sempre inferiores a 1. A exceção, neste grupo, são a Hungria, a Grécia e a República Checa. Portugal seguiu a mesma tendência mas passou de uma das taxas de letalidade mais baixas a 30 de abril para uma das mais altas no final de setembro.



MORTALIDADE SÓ NÃO CAIU NOS PAÍSES MAIS A LESTE

Número de mortes por milhão de habitante

Em Portugal, como nos outros países europeus mais a ocidente, o número de mortes por milhão de habitantes desceu muito da primeira para a segunda vaga. No entanto, a descida em Portugal foi menos expressiva, também porque partiu de valores mais baixos. Já na Hungria, República Checa e na Grécia, países poupados na primeira vaga, houve um aumento.



Área: 1273cm² / 44%

Tiragem: 16.981

FOTO

Cores: 4 Cores

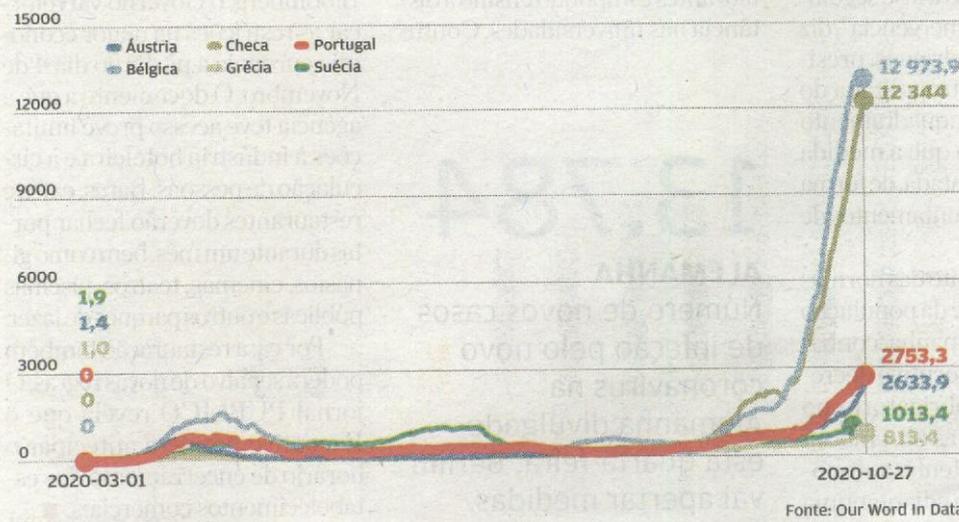
ID: 6977568



SEGUNDA VAGA DE CASOS ULTRAPASSA EM MUITO A PRIMEIRA

Evolução do número de novos casos suavizada com uma média móvel de 7 dias em países com uma população idêntica à portuguesa

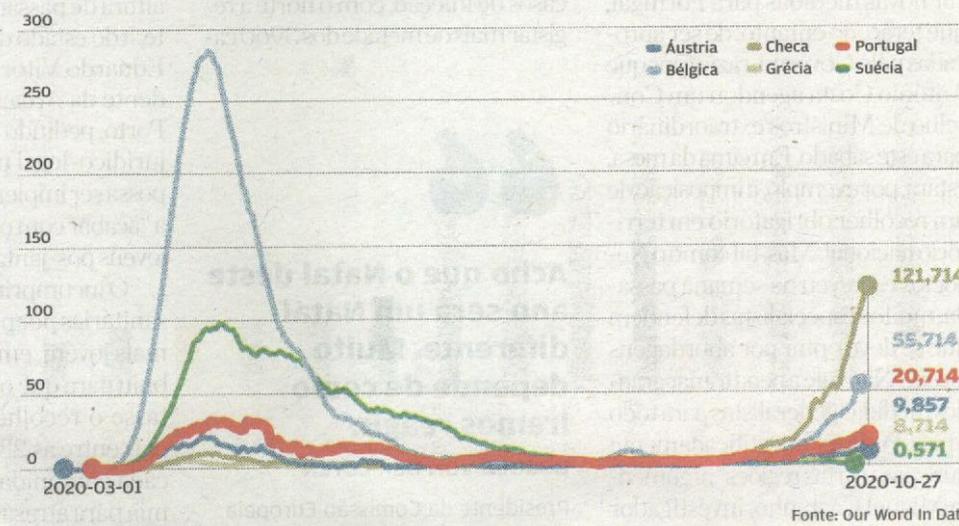
Neste grupo de seis países com uma população idêntica à portuguesa, é bem visível que o ritmo de crescimento dos novos casos é bastante diferente. Embora esteja crescer em todo o lado, o aumento atinge proporções assustadoras em países como República Checa e Grécia, menos atingidos na primeira vaga.



NÚMERO DE MORTES SOBE MUITO MENOS AGORA

Número de mortes por milhão de habitantes

O número de mortes por milhão de habitante também tem uma evolução muito distinta neste grupo de seis países com população idêntica à de Portugal. Com exceção da República Checa, está em valores bastante inferiores. Ainda assim, são números preocupantes. Em Portugal, duplicou em duas semanas para cerca de 20, o que compara com o máximo em torno de 30 em abril.



Área: 1273cm² / 44%

Tiragem: 16.981 FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6977568